

“É impossível para um homem aprender aquilo que ele acha que já sabe.”

Epíteto

Internacional

A pandemia voltou a avançar no último mês, com a variante ômicron provocando surto simultâneo de novos casos em diversos países. Apesar de as pesquisas apontarem para a perda de potência das vacinas contra a variante, sua aparente menor periculosidade é algo positivo tanto para o quadro sanitário quanto econômico. Nesse sentido, apesar desta nova onda, os Bancos Centrais vêm adotando um discurso cada vez mais cauteloso com relação à inflação e de menor preocupação com a atividade e o mercado de trabalho. Em destaque, o FED acelerou a redução no programa de compra de ativos e o Banco Central do Reino Unido subiu a taxa básica de juros pela primeira vez desde o início da pandemia.

Brasil

A pauta fiscal continuou a se destacar no Brasil, com a votação do orçamento amplificando as demandas por maiores gastos, como a prorrogação da desoneração da folha de pagamentos e a discussão sobre o valor do Auxílio Brasil. A aprovação do orçamento em dezembro e o recesso parlamentar de janeiro deverão reduzir a intensidade do noticiário fiscal nas próximas semanas, embora a mobilização por reajustes para o funcionalismo deva se manter no período. Ao mesmo tempo, a inflação ao consumidor começa a dar sinais incipientes de desaceleração, conforme o esperado, embora ainda deva permanecer acima do teto da meta este ano. Neste sentido, avaliamos que o Copom deverá manter o atual ritmo de aperto monetário, a despeito do desaquecimento da atividade, para consolidar o processo de controle das expectativas.

Juros e Câmbio

Os mercados de juros globais seguiram em tendência altista no último mês de 2021. Conforme citado acima, os principais Bancos Centrais do mundo seguiram elevando o tom com relação a inflação e tomando decisões na direção de retirada de estímulos. Mantemos a visão de que a nova variante do vírus e sua velocidade de espalhamento seguirão adicionando pressão às já desorganizadas cadeias de produção e ao mercado de trabalho de maneira global. No Brasil, observamos um alívio nos mercados de juros e uma queda nas inflações implícitas. Em nossa visão, essa melhora não foi amparada por uma melhora nos fundamentos macro. Ainda vemos desafios grandes para 2022 no front fiscal e inflacionário. Nesse contexto, continuamos vendo assimetrias em posições tomadas em juros nos países desenvolvidos e emergentes, incluindo o Brasil. No livro de moedas, mantemos a visão de que a antecipação do ciclo de aperto monetário por parte do FED deixará o dólar norte-americano em posição de vantagem frente aos outros países. Dessa forma, estamos mantendo uma posição comprada em dólar contra uma cesta de emergentes que consideramos sensíveis ao ambiente inflacionário global.

Bolsa

O Ibovespa subiu 2,9% em dezembro, mas acumulou perda de 11,9% em 2021. Esta foi a primeira queda anual desde 2015, impactada pelo cenário de desancoragem fiscal, alta inflação, aumento expressivo da Selic e constantes revisões negativas do PIB. Algumas de nossas posições acabaram tendo quedas significativas, sem grandes mudanças nos fundamentos. Não acreditamos que essa descontinuidade observada em 2021 se repita em 2022 e esperamos que os preços dos ativos voltem a convergir às suas expectativas de resultado. Porém, entramos em ano eleitoral no Brasil e é provável que tenhamos bastante volatilidade no mercado local. Assim, a gestão ativa continuará a ser utilizada em nosso portfólio, a fim de capturar assimetrias e manter a preservação de capital, estratégia similar à adotada pelo nosso time nos últimos períodos eleitorais, onde historicamente conseguimos bons retornos. Esse ambiente doméstico de maior volatilidade deve nos levar a manter uma exposição mais significativa ao exterior. Os EUA continuam com boas perspectivas de crescimento e taxa de juros real ainda atrativa, cenário favorável para renda variável.

Rendimentos em Dezembro de 2021

FUNDOS	Mês	Acumulado ano	Desde o Início	Data de Início	Patrimônio (R\$ mil)	Taxa de Administração	Taxa de Performance
RENDA VARIÁVEL							
Occam FIC FI Ações*	3,49%	-12,74%	186,29%	08/05/2012	1.010.021	2,00%a.a.	20% sobre IBOV
<i>Ibovespa</i>	2,85%	-11,93%	73,65%				
Occam Long & Short Plus FIC FIM	0,43%	-2,09%	152,08%	19/12/2012	254.304	2,00%a.a.	20% sobre CDI
<i>% CDI</i>	57%	-	143%				
Occam Long Biased FIC FIM*	0,65%	-9,67%	130,87%	15/04/2014	169.788	2,00%a.a.	20% sobre IPCA+6
<i>IPCA+6%</i>	1,17%	16,55%	144,39%				
MULTIMERCADO							
Occam Retorno Absoluto FIC FIM	0,00%	3,36%	199,70%	10/01/2013	1.780.865	2,00%a.a.	20% sobre CDI
<i>% CDI</i>	-	76%	190%				
Occam Institucional II FIC FIM	0,62%	3,86%	121,75%	06/07/2012	1.172.502	1,00%a.a.	20% sobre CDI
<i>% CDI</i>	81%	88%	108%				
Occam Equity Hedge FIC FIM	0,29%	3,04%	228,20%	22/03/2010	889.269	2,00%a.a.	20% sobre CDI
<i>% CDI</i>	37%	69%	136%				

* Por alterações em regulamento, os fundos Occam FIC FI Ações e o Occam Long Biased FIC FIM mantêm os seus históricos junto à Anbima a partir de 08/05/2012 e 15/04/2014, respectivamente.

Occam Brasil Gestão de Recursos

Rua Dias Ferreira, 190
Sala 402 Leblon - Rio de Janeiro RJ
CEP 22431-050

BNY Mellon Serviços Financeiros Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S.A.

Av. Presidente Wilson, 231
11º, 13º e 17º andares Centro - Rio de Janeiro RJ
CEP 20030-905

BEM Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários Ltda

Cidade de Deus - Prédio Prata - 4º Andar - Vila Yara
Osasco - SP
CEP: 06029-900